

/ PALAVRA DO LEITOR

Falta de lixeiras

O número de lixeiras nas ruas de Porto Alegre chamou a atenção do editor-executivo do Jornal do Comércio, Mauro Belo Schneider, colunista interino no Começo de Conversa (Jornal do Comércio, edição de 02/07/2026). No bairro Cidade Baixa, a prefeitura retirou quase todas lixeiras 'bolinhas' e até agora não recolocou. Essa notícia que irão instalar novas é excelente. *(Lila Romerio Arias)*

Falta de lixeiras II

Lixeiras não faltam, o que falta é educação para o povo. A maior parte do lixo nas ruas é consequência da falta de consciência do cidadão de Porto Alegre. *(Rodrigo Araújo)*

Falta de lixeiras III

Depois que "modernizaram" as paradas com aqueles telões e proteções que mais te denunciam do que protegem, tiraram as lixeiras e não repuseram. *(Andrea de Oliveira)*

Falta de lixeiras IV

Cidade limpa não é a que possui muitas lixeiras, e sim onde o povo carrega o lixo e descarta em local apropriado. No Japão, por exemplo, há poucas lixeiras nas ruas. *(Leonardo Mayer)*

Supremo Tribunal Federal

O Supremo Tribunal Federal (STF) concluiu o julgamento e liberou parte dos penduricalhos que haviam sido barrados pelo tribunal, autorizando o pagamento de adicionais como férias não usufruídas, plantões judiciais, licença-prêmio e verbas retroativas já reconhecidas (JC, 01/07/2026). Continuaremos a sustentar a elite do funcionalismo público, que é o Poder Judiciário. *(Beth Cappra)*

Trabalho

O ministro do Trabalho, Luiz Marinho, disse que mulheres e jovens lideram a pressão por mudanças na jornada de trabalho (JC, 27/06/2026). Ninguém cresce nem ganha dinheiro na vida descansando em casa. *(Vera Almeida)*

Trabalho II

Ninguém quer mais trabalhar. Não acredito que seja 100% que quer mudança na escala de trabalho. Até seria interessante, mas não que isso os incomode a produzir onde estão. Agora, há gente que quer o salário sem esforço. *(Rosane Moura)*

Trabalho III

O Brasil está falido, tanto na educação quanto na economia. *(Onildo Broch)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Quanto custa perder a CMPC?

Susana Kakuta

Como desenvolvimentista, preocupa-me o impasse em torno da nova planta da CMPC em Barra do Ribeiro. O projeto, estimado em R\$ 27 bilhões, tem potencial para transformar a Metade Sul, mas segue preso a licenças, insegurança jurídica e disputas ideológicas.

A fábrica prevê 12 mil empregos diretos durante a obra e 3,5 mil permanentes na operação. Também pode gerar R\$ 1,1 bilhão em ICMS, 75 mil hectares de floresta plantada com produtores locais e investimentos logísticos capazes de reposicionar a região. Só o terminal portuário movimentaria 3 milhões de toneladas por ano.

Para um Estado que perdeu 12% do PIB industrial em dez anos, travar um projeto dessa magnitude é um luxo que não podemos nos permitir. Desenvolvimento sustentável não é paralisia. É combinar crescimento econômico, responsabilidade ambiental, avanço social e oportunidade real.

Estima-se que cada mês de atraso custe R\$ 180 milhões à empresa e R\$ 40 milhões em impostos ao RS. Barra do Ribeiro, com IDH de 0,689 e 23% da população em pobreza, não pode ser refém de uma burocracia que trata todo investimento como suspeito.

Desenvolvimento não espera. Capital se move. Sem regras claras, prazos definidos e segurança jurídica, o próximo bilhão será investido em outro Estado ou país. O Uruguai entendeu isso ao aprovar uma

planta da UPM em 14 meses e hoje colhe os frutos dessa decisão.

Não defendo cheque em branco para empresa alguma. Defendo previsibilidade. A CMPC opera há cerca de 20 anos no Estado, cumpre uma das legislações ambientais mais rigorosas do mundo e já foi eleita três vezes a empresa florestal mais sustentável do planeta pelo Índice Dow Jones. Se nem isso for suficiente, precisamos admitir que o RS desistiu da indústria.

A saída passa por três princípios: prazos no licenciamento, segurança jurídica para contratos locais e um pacto regional entre governo, prefeituras, sindicatos, produtores rurais e entidades de classe. Esta não é uma disputa entre vencedores e vencidos. No cenário atual, todos perdem.

Ou destravamos projetos estruturantes, ou passaremos a administrar a decadência. Minha escolha é clara: licença já, obra já, emprego já. O RS não tem tempo a perder.

Secretária de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Eventos de Porto Alegre

Ou destravamos projetos estruturantes, ou passaremos a administrar a decadência

A Copa do Mundo ensina

Sergio Stock

Sou fã da Copa do Mundo, assim como bilhões de pessoas em todo o planeta. É um evento de conagração, de mistura de culturas e uma espécie de catarse coletiva, reunindo gente de dezenas de países no país sede. Os jogos, obviamente, são a principal atração. O motivo de tanta mobilização. Mas

a Copa do Mundo vai muito além do futebol. Quem quiser, e souber, aproveitar este momento, ganha conhecimento em várias áreas.

Começa pelo estudo da geografia. Que baita oportunidade para conhecer a localização, o relevo, a economia e as cores de 48 nações, incluindo a nossa. Isso vale para crianças e adolescentes e, também, para adultos.

Junto com a geografia podemos aproveitar para aprender sobre a história de cada país. Todos têm e são ricos em conteúdo. Outra baita oportunidade! Quer algo mais aplicável ao dia a dia profissional? A Copa é um prato cheio sobre planejamento, gestão, logística, resiliência. Os jogadores em campo, principalmente os reconhecidos craques, nos ensinam sobre foco e concentração e

como lidar com a pressão. Aprendemos a encarar metas pesadas e prazos curtíssimos para atingi-las. Afinal, quem não quer ser campeão nesse torneio de pouco mais de um mês? Imagine quantas decisões são tomadas nesse período tão pequeno.

A Copa do Mundo é um momento incrível para aprendermos boa educação, boas maneiras e regras de convivência. Começa pelas torcidas misturadas nas arquibancadas e está tudo bem. Parece que todos estão festejando, comemorando juntos o simples fato de estarem testemunhando a história do maior acontecimento esportivo da Terra. Tudo em clima amistoso.

Mas são os japoneses que dão aula quando o assunto é educação. Os torcedores retiram o lixo que produziram, os jogadores arrumam o vestiário e o deixam limpo e organizado e todos são muito solícitos em todos os ambientes. São os japoneses agindo no exterior como agem em seu país. Lá na terra do sol nascente cada um cuida do seu lixo e cada um mantém o seu espaço em ordem. Assistindo daqui, aplaudimos e nos surpreendemos com tanta educação. Quem sabe aproveitamos essa chance que chega dentro das nossas casas para aprender e, principalmente, colocar em prática?

Conhecimento e educação jamais sairão de moda. Sempre serão úteis. A Copa do Mundo é uma bela oportunidade para ampliarmos nossos horizontes. Aproveite!

Jornalista